Dia 5 — São Pio V, Papa e Confessor

O santo papa Pio, quinto deste nome, foi da nobre família dos Ghislieri ou Gisler, originária de Bolonha; e nasceu no ano de 1504 em Bosco, pequena povoação a duas léguas de Alexandria della Paglia, no bispado de Tortona. Chamaram-no Miguel no batismo, e o primeiro cuidado de seus virtuosos pais foi dar-lhe uma educação cristã, na qual lhes deixou pouco que fazer o bom natural do menino, propenso por si mesmo à virtude. Era apacível, modesto, dócil e amigo de comprazer a todos. Quase desde o berço professou uma terna e fervente devoção à santíssima Virgem, que foi parte de seu distintivo ou de seu caráter; poucos servos desta Senhora o excederam no fervor e no zelo por tudo o que tocava a seu serviço.

Crescia Miguel em idade, em juízo e em prudência, quando seus pais, pouco favorecidos dos bens de fortuna, pensaram em que aprendesse algum ofício com que pudesse manter-se; mas eram muito distintos os desígnios da divina Providência a respeito daquela grande alma. Mal conhecia Miguel o mundo e já pensava em deixá-lo; aos doze anos de sua idade resolveu fazer-se religioso, e a divina Providência lhe facilitou os meios.

Tendo passado pelo lugar de Bosco dois religiosos de São Domingos, tiveram precisão de deter-se alguns dias. Falou-lhes nosso Miguel; e, afeiçoados eles ao antecipado juízo, prudência e capacidade do menino e informados de seus piedosos desejos, ofereceram-se a levá-lo consigo ao convento de Voghera e a cuidar de sua instrução, se se inclinava a abraçar o instituto. Não podiam fazer-lhe oferta mais conforme à sua inclinação; arrojou-se a seus pés e pediu-lhes com lágrimas que lhe cumprissem a palavra e lhe fizessem aquela caridade. Com o consentimento de seus pais partiu em companhia daqueles religiosos, os quais conheceram desde logo que Deus destinava a alguma coisa grande seu pequenino afilhado. Fez tão assombrosos progressos nas letras humanas e na virtude que quanto antes se deram pressa em vestir-lhe o santo hábito. Recebeu-o aos quinze anos de sua idade, e o enviaram ao convento de Vigevano para fazer o noviciado. À vista do fervor e da perfeição com que se portou nele, todos esperaram que a religião havia de ter com o tempo em frei Miguel um insigne santo e que seria sem dúvida um dos mais brilhantes ornamentos da ordem.

Os rápidos progressos que fez na virtude e nas ciências começaram a comprovar esta espécie de predição. Apenas acabou os estudos, dedicaram-no ao magistério, que desempenhou com o maior lustre; e, havendo-o feito prior dos conventos de Vigevano, Soncino e Alba, não mereceu menos reputação seu insigne talento para o governo. Em toda parte restaurou a disciplina religiosa e em toda parte ressuscitou o primitivo espírito de seu santo patriarca. Na felicidade com que promoveu a observância, tinham mais parte seus exemplos que suas palavras. Era o primeiro no coro e em todos os atos de comunidade, sem persuadir-se de que seus estudos, seu magistério e o zelo com

que atendia à salvação dos próximos fossem títulos suficientes para eximir-se da disciplina regular. Humilde, pobre e em extremo mortificado, representava em sua pessoa uma viva cópia dos Pacômios, dos Hilariões e dos outros mestres da perfeição monástica.

A fama de tantas e tão eminentes virtudes tirou-o logo de seu amado retiro. Nomearam-no inquisidor em Como, para o Milanês e toda a Lombardia, e neste importante emprego assinalou-se muito seu zelo, sua prudência e sua virtude. Mas onde se fez mais visível o fruto de seus sermões, e onde principalmente sobressaiu sua vigilância, foi na Valtelina e no condado de Chiavenna, por ser ali onde estava mais estendido o veneno da heresia. Foram tantos os hereges que se converteram que em pouco tempo mudou de semblante todo aquele país. A fama destes sucessos moveu a que o nomeassem comissário geral da Inquisição no ano de 1551; e quatro anos depois foi nomeado vigário do inquisidor geral. Não é fácil explicar nem o muito que fez nem o muito que padeceu neste emprego. Declarado o açoite dos hereges, foi também o alvo de seu ódio; mas nunca o acovardaram nem os laços que lhe armavam nem os perigos a que estava exposta sua vida; o zelo e a caridade mantinham sua intrepidez, e o fruto que fazia o alentava.

Bem informado de seu mérito, o papa Paulo IV fê-lo bispo de Nepi e de Sutri, na Toscana, duas igrejas que governava um só bispo. Apesar de sua humildade e de sua resistência, foi necessário obedecer. Ainda brilhou mais sua virtude na dignidade de bispo que no retiro do claustro; e logo que o papa o tratou um pouco mais de perto, criou-o cardeal. Vendo-se nesta elevada dignidade, considerou-se na obrigação de ser mais religioso, mais mortificado e mais humilde. Chamou-se o cardeal Alexandrino, por ser Alexandria della Paglia a cidade mais próxima do obscuro e desconhecido lugar de seu nascimento; e se pode dizer que o esplendor da púrpura só contribuiu para que se fizesse mais visível sua modéstia e brilhassem mais todas as outras virtudes.

Morto Paulo IV, seu sucessor Pio IV não fez menos apreço de nosso santo cardeal. Confirmou-o na suprema dignidade de inquisidor geral que lhe havia conferido seu predecessor; serviu-se dele nos negócios mais importantes da Igreja; deu-lhe todos os testemunhos possíveis da confiança que lhe merecia e transferiu-o do bispado de Nepi e de Sutri ao de Mondovì, no Piemonte, que tinha grande necessidade de um bispo como este.

Enterneceu-se à vista do lastimoso estado em que encontrou sua diocese; era um espesso ermo; mas em pouco tempo restaurou a disciplina e, com a reforma de costumes, introduziu a devoção. Seus exemplos e sua doçura faziam tantas conversões como suas palavras; não havia resistência à modéstia, à vida exemplar e penitente de um bispo tão grande, de um inquisidor geral e de um cardeal tão santo.

Tendo morrido em 1565 o papa Pio IV, foi colocado nosso santo na cadeira de São Pedro por solicitação de São Carlos Borromeu. Mal se terá visto na Igreja de Deus papa mais universalmente aplaudido. O clero, o povo romano e todos os príncipes da cristandade prometeram-se desde logo as maiores bênçãos do céu em seu pontificado. Deu princípio a seu governo arranjando sua família, para que servisse de exemplo a toda a corte romana; e, tendo persuadido os cardeais a que fizessem o mesmo, introduziu-se a reforma tão visivelmente em toda a cidade que em poucos dias pareceu outra. Obrigou os bispos a que residissem ou renunciassem a seus bispados. Restituiu o culto divino a toda a sua majestade; fez reflorescer em todas as comunidades religiosas a

observância e o fervor; desterrou as desordens que se cometiam nas tabernas e proibiu quase todos os espetáculos públicos; dotou as donzelas pobres para livrá-las dos perigos e tirou muitas delas de sua má vida; restabeleceu a exatidão e a integridade na polícia e na administração da justiça e publicou outros muitos regulamentos muito salutares para todo o clero secular e regular.

Não se limitava sua solicitude pastoral aos estados pontifícios; toda a cristandade experimentou os efeitos do zelo e da vigilância de seu santo pastor. Animada e orgulhosa a heresia com a rapidez de seus progressos e sustentada pela licença dos grandes e pela ignorância dos povos, fazia lastimosos estragos na Alemanha, na França e nos Países Baixos. Não poupou o santo papa desvelos, cuidados, fadigas, arbítrios e diligências para contê-los. Enviou legados a todas as cortes; despachou zelosos missionários a todas as igrejas aflitas; e gastou todo o patrimônio de São Pedro em ajudar os príncipes a reprimir os inimigos da religião e do Estado. À vigilância e à solicitude deste santo pontífice devem a cidade de Avinhão e o condado Venaissin o haverem sido preservados da heresia; a França e os Países Baixos não experimentaram menores efeitos de sua vigilância pastoral.

Reconhecendo Carlos IX que devia não menos às orações do santo papa que às tropas e dinheiro com que o havia socorrido as duas famosas vitórias que conseguiu dos huguenotes na batalha de Jarnac e na de Moncontour, enviou-lhe muitos estandartes. O duque de Alba confessou que se lhe devia a conservação de Flandres; e na Alemanha mal se manteve a religião senão à custa do zelo e da inesgotável caridade deste grande santo. Nem esta se limitou só à Europa; estendeu-se até a América, até as Índias, até os últimos confins do Japão, onde os missionários e os neófitos se mantiveram algum tempo às expensas do heroico pontífice.

Não é fácil imaginar zelo mais ardente, mais puro nem mais universal; não havia homem apostólico a quem não animasse com seus exemplos, a quem não sustentasse com suas orações, a quem não alentasse com seus socorros. Perfeitamente instruído da santidade e da utilidade da nova Companhia de Jesus, não só se declarou seu protetor, mas seu pai. Admirava seu instituto, exaltava continuamente os gloriosos trabalhos de seus filhos, cumulou-a de favores, de graças e de privilégios com quatro bulas que contêm o mais belo elogio que se pode fazer da Companhia.

Mas, ao mesmo tempo que trabalhava tão infatigavelmente em conservar a fé dentro da Europa e em estendê-la pelo novo mundo, não poupava diligência alguma para atalhar os progressos que ia fazendo o inimigo comum do nome cristão. Logo que ascendeu ao sumo pontificado, enviou cabedais à ilha de Malta, para que se reparasse do que havia padecido no cerco que defendeu tão gloriosamente contra Solimão II, imperador dos turcos. Tendo seu filho, o sultão Selim II, rompido o tratado que se havia feito com os venezianos e apoderando-se da ilha de Chipre, ameaçava Malta, Veneza, a Sicília e toda a cristandade. Encheu-se toda de terror, sem esperar consolo nem esperança senão do muito que podiam com Deus as orações do santo papa. Não foi vã esta confiança dos fiéis. Juntou o santo pontífice suas forças com as dos príncipes cristãos e esgotou, por assim dizer, os tesouros da Igreja para tão gloriosa empresa. A armada otomana, composta de duzentas galeras e de quase setenta fragatas e bergantins, havia lançado âncoras no golfo de Lepanto, persuadida de que a esquadra cristã não teria valor para sair dos portos; mas enganou-se, porque ao amanhecer do dia 7 de outubro começou a entrar no golfo. O senhor dom João de Áustria, que a comandava, e Marco Antônio Colonna, general das tropas da Igreja, vendo que a

armada turca vinha a todo o pano para eles, deram o sinal de atacar, desfraldando o estandarte que haviam recebido da mão de Sua Santidade.

Apenas se desdobrou a imagem de um crucifixo, que se deixava ver bordada no meio do estandarte, toda a esquadra cristã, prostrada, adorou-a profundamente, saudando-a com grandes gritos de alegria; e, feita uma breve mas fervorosa oração, travou-se o combate. O vento que favorecia a armada otomana mudou de repente e desde o princípio do combate declarou-se em favor dos cristãos; e enquanto o santo papa, como outro Moisés, levantava as mãos ao céu, as armas cristãs conseguiram a mais completa e mais gloriosa vitória que jamais se havia visto. Foi este glorioso dia o 7 de outubro de 1571. Perderam os turcos mais de trinta mil homens, com seu general ou almirante Ali Paxá, e mais de trezentas embarcações entre galeras e outros barcos. Fizeram-se cinco mil prisioneiros e recobraram a liberdade cerca de vinte mil cativos cristãos; foi imenso o botim, e o fero inimigo do nome cristão ficou consternado e abatido. Depois de Deus, atribuiu-se toda a glória deste memorável dia ao santo pontífice Pio, que, desde que saiu de Roma o almirante Colonna para fazer-se à vela, não havia cessado de afligir com novas penitências seu corpo já extenuado pelas enfermidades, orando continuamente e dispondo que todos orassem em públicas rogações pelo bom sucesso das armas cristãs; e enquanto o santo papa, de dia e de noite, derramava torrentes de lágrimas na presença do Senhor, no mesmo instante em que os cristãos triunfavam dos turcos revelou-lhe o céu, numa espécie de êxtase, aquela grande vitória.

Estava falando Sua Santidade com alguns prelados no palácio do Vaticano e, no melhor da conversação, deixou-os de repente; abriu uma janela, fixou os olhos no céu e esteve imóvel um bom tempo; voltou a si daquela suspensão e, voltando-se aos prelados, disse-lhes: «Não é tempo de falar de negócios; ide logo dar graças a Deus pela célebre vitória que nossa armada naval acaba de conseguir dos turcos»; e, prostrando-se o santo papa aos pés de um crucifixo, passou em oração o restante daquele dia. Só catorze dias depois pôde chegar a posta; e seus ofícios acreditaram a verdade da revelação e a pontualidade com que o céu lhe havia antecipado a notícia.

Entre as orações públicas que mandou fazer em ação de graças, a terna devoção que professava à Santíssima Virgem moveu-o a instituir uma festa particular no dia 7 de outubro, com o título de Nossa Senhora da Vitória, em reconhecimento da que esta soberana Rainha havia alcançado de seu Filho em favor dos cristãos. Gregório XIII, seu sucessor, fixou esta festa no primeiro domingo do mesmo mês, com o título de Nossa Senhora da Vitória e do Santo Rosário, cuja festa se celebrava já antes com muita devoção e solenidade no dia 25 de março.

Não sobreviveu muito tempo o santíssimo pontífice a esta célebre vitória, que tanto abateu o poder e o orgulho do império otomano e encheu de tanto gozo toda a Igreja católica. Oprimido com a fadiga de seus apostólicos trabalhos, extenuado pelo rigor de seus jejuns e excessivas penitências e consumido com os ardores de seu zelo, teve algum pressentimento de sua próxima morte. Pelo mês de março avivaram-se-lhe extraordinariamente as dores de pedra, que o atormentavam muitos anos havia; e, reconhecendo que se ia aproximando seu fim, dobrou também seu fervor. Quis visitar pela última vez as sete igrejas de Roma, e o fez com singularíssima ternura e devoção. Ainda que se sentia tão mal e padecia vivíssimas e contínuas dores, nunca quis dispensar-se na abstinência nem no jejum da quaresma. Durante sua enfermidade reconciliou-se todos os dias e

celebrou o santo sacrifício da missa até que não pôde fazê-lo. Mandou que lhe administrassem a santa unção, e ouvia-se-lhe repetir muitas vezes: *Lætatus sum in his quæ dicta sunt mihi: in domum Domini ibimus:* Estou cheio de alegria, sabendo que logo hei de ir à casa do Senhor. Enfim, depois de uma breve agonia, que pôde parecer uma espécie de oração, este grande papa morreu com a morte dos justos, no dia primeiro de maio de 1572, no sexto de seu pontificado e aos setenta e oito de sua idade.

Foi universal a aflição e o sentimento, não só em Roma, mas em toda a cristandade. Não houve pontífice mais ternamente nem mais geralmente chorado. Quanto mais se afligiram os cristãos com sua morte, tanto mais a celebraram os turcos, porque o olhavam como o mais terrível inimigo do poder otomano. Esteve exposto seu santo corpo na igreja de São Pedro por espaço de quatro dias, nos quais foi imenso o povo que acudiu a venerá-lo, e acompanhou sua devoção de muitos milagres.

Dezesseis anos depois de sua morte, o papa Sisto V fez levantar um magnífico mausoléu na igreja de Santa Maria Maior, para onde foram trasladadas com grande solenidade suas preciosas relíquias. Os muitos e grandes milagres que tem obrado o Senhor por intercessão deste grande servo seu, depois de sua morte e até durante sua vida, moveram o papa Clemente X a beatificá-lo solenemente no dia primeiro de maio do ano de 1672; e finalmente Sua Santidade Clemente XI pô-lo no catálogo dos santos por bula de sua canonização, que expediu em 4 de agosto de 1711; acreditando bem a magnificência com que em todas as partes se celebra sua festa a singular devoção e veneração que todos os fiéis professam a este grande santo.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui ad conterendos Ecclesiæ tuæ hostes, et ad divinum cultum reparandum, beatum Pium quintum pontificem maximum eligere dignatus es: fac nos ipsius defendi præsidiis, et ita tuis inhærere obsequiis, ut omnium hostium superatis insidiis, perpetua pace lætemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que vos dignastes escolher por pontífice máximo o bem-aventurado Pio V, para destruir os inimigos de vossa Igreja e para reparar o culto divino, fazei que sejamos defendidos com sua proteção e que de tal maneira nos dediquemos a vosso serviço que, livrando-nos das ciladas de todos os nossos inimigos, gozemos de uma perpétua paz. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 44 e 45 da Sabedoria (o livro é o Eclesiástico).

> **Latim:** *Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. Non est inventus similis illi qui conservaret legem Excelsi. Ideo jurejurando fecit illum Dominus crescere in plebem suam. Benedictionem omnium gentium dedit illi, et testamentum suum confirmavit super caput ejus. Agnovit eum in benedictionibus suis: conservavit illi misericordiam suam, et invenit gratiam coram oculis Domini. Magnificavit eum in conspectu regum; et dedit illi coronam gloriæ. Statuit illi testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium magnum, et beatificavit illum in gloria. Fungi sacerdotio, et habere laudem in nomine ipsius, et offerre illi incensum dignum, in odorem suavitatis.*

Português: Eis aqui um grande sacerdote que em seus dias agradou a Deus e foi achado justo, e no tempo da ira fez-se reconciliação. Não se achou semelhante a ele na observância da lei do Altíssimo. Por isso o Senhor, com juramento, fez que fosse célebre em seu povo. Deu-lhe a bênção de todas as nações e confirmou em sua cabeça o seu testamento. Reconheceu-o por suas bênçãos e conservou-lhe sua misericórdia, e achou graça aos olhos do Senhor. Engrandeceu-o na presença dos reis e deu-lhe a coroa da glória. Fez com ele uma aliança eterna e deu-lhe o sumo sacerdócio, e encheu-o de glória, para que exercesse o sacerdócio, fosse louvado seu nome e lhe oferecesse incenso digno dele, em odor de suavidade.

Nota

«O livro do Eclesiástico, de onde se tirou esta epístola, chama-se indiferentemente livro da Sabedoria, porque contém instruções e exortações muito oportunas para adquiri-la. Os gregos o chamam *Panaretos*, que significa compêndio ou tesouro de todas as virtudes, ou livro que dá preceitos para o exercício de todas elas, com admiráveis instruções para todos os estados da vida.»

Reflexões

Invenit gratiam coram oculis Domini: achou graça aos olhos do Senhor. O favor dos grandes do mundo não exclui o mérito; mas tampouco o supõe, e muito menos o dá. Pode lograr-se sem merecer-se; mas suponhamos que se mereça: que proveito, que vantagem sólida e permanente se

tira de estar em sua graça? Já é como destino dos favoritos não conservar o favor até o fim, ou porque os príncipes se cansam deles depois de lhes haver dado tudo quanto podem dar-lhes, ou porque eles se cansam dos príncipes quando não têm mais que esperar. Mas demos que se conservem na graça do príncipe até a morte; de todos os seus favores, que ganho lhes ficará para a outra vida? A um favorito que se condenou, servirá de grande consolo haver sido objeto de inveja na corte, haver tido parte em todas as graças, haver merecido toda a confiança do príncipe? Compra-se de ordinário a subido preço o favor dos grandes; custa muito conservá-lo, e a desgraça, por via de regra, é efeito do capricho. Custa tanto achar graça aos olhos do Senhor?

Desde que quero estar em sua graça, estou; e quando deixo de estar, é sempre por culpa minha. Este favor não causa ciúmes; quanto mais estreitamente se logra, com maiores ânsias se deseja que se aumente o número dos favorecidos. O tesouro das graças é infinito; por mais que se repartam e se distribuam, nada se perde; finalmente, falando a rigor, só a amizade de Deus dá verdadeiro mérito. O nascimento, os bens de fortuna, um emprego honorífico, um mérito puramente exterior, a agudeza de engenho, a penetração, o desembaraço, a cultura, se dão algum, é muito superficial e ligeiro. Não há dúvida de que há prendas naturais que tornam respeitáveis os homens; mas neste respeito tem muita parte a imaginação: e, sobretudo, de que utilidade e de quanta duração são esses imaginários méritos? Só a virtude não depende nem do conceito nem do capricho dos homens nem da inconstância dos tempos. É um grato aos olhos de Deus? Está em sua graça? Pois tem verdadeiro mérito. Que seja de humilde e obscuro nascimento, que tenha engenho ou deixe de tê-lo, que seja pobre, que seja desconhecido, que lhe falte toda humana proteção, todo apoio, todo arrimo: é amigo de Deus? Pois é homem respeitável. Os dissolutos que estão mais cobertos de ouro respeitam a inocência e a virtude no mais vil e mais andrajoso escravo. Em vão afetam ridicularizar, gracejar e zombar da devoção; interiormente a estimam e a veneram. É este um tributo que a razão paga indispensavelmente à virtude. *Achou graça aos olhos do Senhor.* Neste breve panegírico se compreendem os maiores, os mais magníficos elogios. Achou graça: pois já fez sua fortuna para o tempo e para a eternidade. E será possível que nem sequer seja objeto de nossa ambição esta fortuna! E será possível que estimemos tão pouco este favor! E será possível que nos faça tão pouca força este mérito! E será possível que aspiremos a outra glória! Ó bom Deus, quanto nos deve humilhar este mau gosto e este perverso modo de discorrer! Mas que dor, que desespero será o nosso algum dia por havermos feito tão pouco caso da amizade do Senhor!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** [14] Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. [15] Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum,

> unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. [16] Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. [17] Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. [18] Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. [19] Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. [20] Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. [21] Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. [22] Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. [23] Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: [14] Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. [15] E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. [16] O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. [17] Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. [18] Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. [19] E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. [20] E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. [21] Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. [22] Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. [23] Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Quanto importa não desprezar as coisas pequenas

Primeiro ponto

Considera com que exatidão e com quanto cuidado tomou contas o pai de família até dos menores talentos, e com que severidade castigou a negligência do servo tímido e preguiçoso. Só se descuidou em negociar com um talento, e por isso foi condenado ao último suplício. Terrível documento para os que fazem pouco caso das obrigações mais miúdas.

Até o motivo da grande liberalidade que exerceu o pai de família é lição muito importante: *Alegra-te, servo fiel, pois porque o foste em poucas coisas, eu te farei senhor de muitas.* Desenganemo-nos e acabemos já de depor essas falsas preocupações. É erro imaginar que a escrupulosa exatidão em cumprir as obrigações e regras mais miúdas é virtude de noviços e que a sólida virtude não depende dessa exatidão escrupulosa; porque na realidade sem ela não há verdadeira virtude. *Quia super pauca fuisti fidelis:* porque foste fiel em poucas coisas, isto é, em coisas pequenas. Aqui não se fala nem de grandes sacrifícios, nem de avultadas esmolas, nem de vitórias extraordinárias; nem os desertos nem os cadafalsos se propõem aqui por medida do prêmio e do salário: *quia super pauca fuisti fidelis.* Essas ações heroicas que fazem tanto ruído e que tanto edificam o mundo são pouco frequentes. Não todos os dias se entra numa religião; são muito raras essas grandes mortificações; o sacrifício dos pais, dos parentes, dos bens de fortuna faz-se uma vez na vida. Pede-nos Deus um amor, uma fidelidade mais constante; a fidelidade em coisas pequenas é fidelidade de todos os dias e de todas as horas. A cada instante se nos oferecem paixões que domar, ocasiões em que sofrer, humor, gênio e caprichos que vencer. Estas vitórias não fazem tanto ruído nem nos granjeiam tanta honra diante dos homens; mas são de um preço inestimável aos olhos de Deus. Quantas graças se seguem necessariamente a essas multiplicadas vitórias! E bastará uma devoção passageira, um fervor momentâneo, uma virtude superficial para esta firme e constante fidelidade?

Pode-se dizer que a virtude mais elevada depende desta pontual fidelidade nas coisas pequenas; ou ao menos é certo que para ser exato nelas é mister um grande amor de Deus. Para vencer as dificuldades que se apresentam nas ações grandes, basta muitas vezes a honra que se nos segue delas; as maiores humilhações, sendo públicas e voluntárias, trazem consigo não sei que esplendor ou brilho que lisonjeia o amor-próprio. Mas quando no cumprimento das obrigações não se descobre coisa que possa avivar o desejo da própria estima; quando todo o mérito da obra é puramente interior; quando são aquelas ações comuns, obscuras e ordinárias, em que o amor-próprio não descobre aliciante nem atrativo; quando os motivos delas são totalmente sobrenaturais e têm a religião por único móvel e princípio; então que virtude há mais sólida, nem que amor de Deus mais aceso nem mais puro? E à vista disto, haverá quem se desalente, quem desespere de chegar à perfeição porque não se sente com ânimo ou não se lhe oferece ocasião para fazer coisas grandes? Que dor, que confusão será a nossa quando virmos que a mais elevada santidade dependia da observância das mais miúdas regras, do cumprimento das mais mínimas obrigações!

Segundo ponto

Considera o cuidado que teve Deus de demonstrar-nos esta verdade, dispondo que os efeitos mais maravilhosos dependessem não poucas vezes do cumprimento das obrigações mais miúdas e de circunstâncias aparentemente muito ligeiras.

Que cerimônia mais ligeira que a de levantar as mãos ao céu? E contudo dela dependeu a vitória sobre os amalecitas. Tomar a água no côncavo da mão e não se abaixar para beber com mais comodidade parecia circunstância bem pouco importante; e todavia dela dependeu a salvação do povo de Israel. *Que fizeste, Joás?*, exclama o Profeta; *não feriste a terra com tuas setas mais que*

três vezes? Se a tivesses ferido cinco, seis ou sete, vencerias o exército inimigo até derrotá-lo inteiramente [^1]. Ferir a terra duas ou três vezes mais ou menos era, ou parecia, cerimônia bastante ligeira; e não obstante, desta cerimônia dependia a tranquilidade e a glória do reino de Joás.

Ó meu Deus, quantos e quantas andam arrastando-se toda a vida pelo caminho da perfeição; quantos e quantas envelhecem e encanecem entre mil grosseiras imperfeições, chegando a morrer numa lastimosa tibieza, a quem poderia dizer-se como a Joás: *Si percussisses quinquies aut sexies!* Já havias vencido as maiores dificuldades; dois ou três passos mais que tivesses dado, alguns dias, alguns meses mais de perseverança te constituíam superior a todos os respeitos humanos. Não há dúvida de que teu porte foi bastante regular; só te faltou um pouco mais de valor, alguma maior fidelidade em certas coisinhas que eram de tua obrigação, em observar certas regras que pareciam miúdas, para conseguir de Deus graças muito extraordinárias e para chegar a uma eminente santidade. Oh, quanto dói, quanto arde qualquer remorso nesta matéria, especialmente se é ditado pelo amor-próprio!

Se, para chegar ao cume da perfeição, fosse mister atravessar mares, sacrificar todos os bens, padecer grandes afrontas, dar avultadas esmolas; se, para ser santo, fosse necessário dar a própria vida, seria lícito duvidar, nem sequer deliberar neste caso? Poderia parecer-nos, nem sequer então, que custava a santidade mais do que ela merecia? *Si rem grandem dixisset tibi, ecce facere debueras,* disse-se a Naamã; *quanto magis quia nunc dixit tibi: lavare, et mundaberis?* Ainda que Deus fizesse depender a virtude do mais penoso, do mais trabalhoso que pode haver nesta vida: *ecce facere debueras,* não poderíamos nem deveríamos deixar de praticá-lo: *Quanto magis quia nunc dixit tibi: lavare, et mundaberis?* Pois que desculpa podemos alegar, sabendo que Deus tem, digamo-lo assim, atadas as maiores graças, os mais singulares favores, a virtude mais elevada à fidelidade nas coisas pequenas? E que dor será a nossa por haver faltado a esta exatidão e a esta fidelidade!

Bem o experimento eu, divino Salvador meu, e não experimento menos toda a amargura de minha confusão com a triste memória de minhas passadas tibiezas; mas esta mesma dor, efeito de vossa graça, anima-me a esperar que já não faltarei mais à fidelidade nas menores obrigações, mediante vossa divina assistência.

Jaculatórias

> *Tu mandasti, mandata tua custodiri nimis.* Sl 118.

Com muita razão mandastes que se guardem vossos divinos preceitos com a maior exatidão.

> *Justificationes tuas custodiam: non me derelinquas usquequaque.* Sl 118.

Resolvido estou, Senhor, a cumprir com toda pontualidade vossos mandamentos; somente vos suplico que não me desampareis em minha fraqueza.

Propósitos

1. É erro sobejamente comum, até nos que fazem profissão de devotos, desprezar as faltas pequenas e fazer pouco caso das pequenas obrigações. A delicadeza de consciência costuma reputar-se por vã timidez de uma alma pusilânime; e a pontualidade escrupulosa nas coisas pequenas é para alguns prova de um entendimento limitado. Querem dizer que um espírito elevado perde de vista essas miudezas e que a verdadeira virtude é independente de uma multidão de miúdas observâncias que abatem o ânimo, tornam enfadonho e inurbano o comércio da vida e, em vez de fomentar a devoção, a murcham e a secam. Sobre este falso princípio foge-se de tudo o que respira opressão; dá-se liberdade aos sentidos; as paixões vivem com folga; e que nasce daqui? As funestas recaídas e a triste relaxação que tantas vezes se experimenta. Uma fresta que se despreze e não se calafete basta para pôr a pique um navio. Se se deixaram arruinar as fortificações exteriores, se não se repararam as brechas ou as ruínas das muralhas, não está a praça em estado de defesa. Levantem-se de pronto as trincheiras que se quiser; não pode durar o cerco quando os sitiados se acham tão descobertos. As devoções, a modéstia, a circunspecção, a observância das regras mais miúdas são como aquelas obras avançadas que têm o inimigo apartado da praça. O que jamais se dispensa na oração da manhã, na leitura espiritual, na frequência dos sacramentos, em certas obrigaçõezinhas de seu estado, em certas regras que parecem de pouca importância, não está exposto a faltar às obrigações essenciais; mas quando se abandonam estes postos avançados, quando não estão bem defendidas estas entradas, logo nos apanha o inimigo de surpresa. Desenganemo-nos: não está longe de romper com um amigo ou com um amo o que repara pouco em desgostá-lo a miúdo. Examina-te escrupulosamente acerca deste artigo; vê se te dispensas ligeiramente no cumprimento de certas obrigações que parecem de pouca monta; se deixaste certas devoções que nos princípios de tua conversão praticavas com tanto proveito teu, nota e emenda o que te houveres relaxado neste ponto.

2. Faze um firme propósito e impõe-te como uma lei de não deixar em toda a tua vida certas devoções, certos exercícios de religião muito salutares e muito úteis, cujo valor ignoram muitos. Por exemplo: persigna-te, ou faze sempre o sinal da cruz como cristão, isto é, com decência, com devoção e com respeito, formando-o perfeitamente e sem garranchos, devagar, com atenção e com sossego, como no-lo ensinaram os apóstolos, levando a mão direita à fronte, da fronte ao peito, do ombro esquerdo até o direito, e dizendo com devota pausa: *In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti;* faze isto a miúdo, porque é, como se disse, uma profissão de fé em compêndio, e hoje em dia parece que muitos não têm valor, ou se envergonham, de fazer esta profissão. Quem diria que fazem o sinal da cruz muitas pessoas, ao observar como o fazem? Mais parece zombaria, irreligião e desprezo. Segundo: nunca deixes de tomar água benta ao entrar e sair da igreja. Há

alguns que têm por devoção popular um costume tão cristão, tão santo e tão antigo, e pensariam fazer-se vulgares se tomassem água benta e a levassem à fronte; assim se vai debilitando pouco a pouco a fé dos cristãos por umas exigências sumamente prejudiciais à piedade. Terceiro: também é uma devoção de grande proveito e de bom exemplo ter sempre água benta no quarto, tomá-la ao entrar e ao sair dele e borrifar com ela a cama ao tempo de deitar-se. Quarto: nunca omitas a bênção e as graças em cada refeição. Em todos os tempos foram muito exatos e religiosos os cristãos neste santo costume. Mas ah, e quantos hoje em dia se sentam e se levantam da mesa como poderiam fazê-lo uns gentios! À vista disto, pouco nos agravaria o que nos perguntasse se entre os cristãos de nossos tempos há muitos verdadeiros fiéis.

A conversão de Santo Agostinho

Duas conversões celebra a Igreja sumamente parecidas, pela qualidade dos sujeitos, pelas circunstâncias que as acompanharam e pelo copioso fruto que delas resultou à religião cristã: são a do apóstolo das gentes, São Paulo, e a do grande padre Santo Agostinho. Jubilosa nossa Mãe pela aquisição destes dois heróis que tanto a honraram com suas obras, com sua santidade e com sua doutrina, quer propor sua conversão aos fiéis, para que nela vejam um exemplo prático das misérias a que nos expõe nossa frágil natureza e dos gloriosos triunfos que consegue delas o poder soberano da graça. Não se contenta com apresentar-nos tantos mártires esforçados de um e outro sexo que desprezaram valorosamente os tormentos mais horrorosos e a própria morte; tantos confessores, anacoretas, penitentes e virgens que viveram em carne mortal com a mesma pureza e santificação que se houvessem carecido dos estímulos da concupiscência rebelde; e, por último, não se contenta com propor-nos as santíssimas vidas de Jesus e de sua Mãe como regras de nossas ações e modelo de nossa vida; mas, para consolar os pecadores e avivar suas esperanças, quer esta Mãe amorosa que vejamos como os que foram pecadores chegaram depois a ser vasos de santificação e colunas as mais firmes de sua doutrina. Isto se manifesta claramente na conversão prodigiosa de Agostinho, cuja história, tirada fielmente de suas próprias *Confissões*, é como segue:

Agostinho, nascido em Tagaste, pequeno lugar da Numídia, na África, por volta do ano 354, teve a desgraça de que seu pai fosse gentio; mas em compensação destinou-lhe o céu uma mãe cheia de piedade e de virtudes, que não somente ganhou para a religião católica seu marido Patrício, mas também a seu próprio filho, cujo coração, estragado com uma vida licenciosa e entorpecido com uma vã sabedoria, se fazia mais insensível a suas santas persuasões e conselhos. Sendo rapaz, teve uma tão forte dor de estômago que o pôs em perigo de perder a vida [^2]: então desejou e pediu ardentemente o batismo; mas, havendo melhorado, julgou sua piedosa mãe mais acertado adiá-lo, porque previa que o gênio vivo e demasiadamente fogoso de Agostinho não tardaria em arrastá-lo a vícios tão feios que afrontariam o augusto caráter de cristão. Assim sucedeu; pois aos dezesseis anos, levantando-se os vapores da concupiscência [^3], de tal modo obscureceram seu espírito que, sem discernir entre a doçura do amor casto e o desassossego do impuro, precipitaram seu coração em mil desejos desordenados e num lamaçal de imundícies. Procurava o Senhor apartá-lo delas misericordiosamente, azedando todos os seus ilícitos gostos para que buscasse deleites cumpridos, sem mistura de amargura; mas, surdo com o ruído da cadeia de sua

imoralidade que levava sempre arrastando, deixou que tomasse inteiro domínio de sua alma a concupiscência, rendendo-se sem reserva a suas fragilidades.

A isto se acrescentou que, havendo interrompido os estudos que fazia em Madaura, esteve ocioso; e, como a ociosidade é mãe de todos os vícios, cresceram estes no coração de Agostinho, fomentados com as más companhias de outros jovens que o incitavam ao mal e com quem por mera vaidade queria competir nas desordens. «Envergonhava-se Agostinho de não ser tão descarado como outros amigos seus; porque, quando estes se jactavam de suas maldades, e com tanta mais glória quanto mais feias e abomináveis eram, sentia não as haver cometido ele também, para receber entre aqueles jovens dissolutos elogios e louvores; e às vezes, quando não tinha algum delito verdadeiro, fingia havê-lo cometido, desejando que não o tivessem em menos por sua inocência nem o julgassem por desprezível e abatido por ser mais casto [^4].» Seu coração se enlameou tanto nos vícios que chegou a perder a ideia da honestidade. Patrício, que então não era mais que catecúmeno e tinha com respeito a seu filho miras demasiadamente carnais, dissimulava todos os seus defeitos; mas Mônica sentia vivamente seus extravios, como quem os olhava como os maiores impedimentos que podia ter seu filho para conhecer a verdade. Por isso o chamava a sós, falava-lhe ao coração, fazia-lhe conhecer seus errados passos, persuadia-o a que se emendasse e acompanhava a solidez de seus arrazoados com a força imponderável de suas lágrimas. Tudo isto era então para Agostinho perder o tempo e o trabalho; porque, além de que as paixões mandavam despoticamente em sua alma, olhava as persuasões e conselhos de Santa Mônica como faltos de sabedoria e desprezava as admoestações de uma mãe carinhosa, discreta e piedosíssima, somente porque eram admoestações de uma mulher [^4].

Sendo de idade de dezessete anos, enviaram-no seus pais a Cartago para que continuasse os estudos: ali, ao mesmo tempo, continuou também os extravios de seus costumes; pois no ano seguinte travou uma comunicação tão estreita e vergonhosa com uma mulher que dela teve um filho chamado Adeodato, cujo engenho louva o santo com expressões encarecidas. Adormecido algum tanto o vício da incontinência com a fartura que lograva na amizade ilícita, tomaram ascendente sobre seu coração outras paixões talvez mais perigosas. Era Agostinho de um engenho sumamente vivo e penetrante. Nada resistia à sua compreensão; e o vasto de seu talento, juntamente com uma aplicação infatigável, faziam-no senhor facilmente de quantas faculdades empreendia. Mas o que o havia de estimular a reconhecer os dons de Deus e a dar-lhe humildes graças, isso mesmo foi o que ele converteu em motivo de vaidade e de soberba. Vestia-se com elegância, picando-se de parecer galã e cortesão [^5]. Frequentava os teatros, onde via as imagens de suas misérias representadas ao vivo, e umas vezes lhe tiravam as lágrimas dos olhos, outras acendiam mais o fogo libidinoso em que estava ardendo [^6]. Neste estado quis Deus dar algumas batidas às portas de sua alma por meio dos mesmos livros que tinha entre mãos. Leu o *Hortênsio* de Cícero, onde encontrou aquele salutar aviso que dá São Paulo aos colossenses [^7], dizendo: *Estai em vigília para que ninguém vos engane por meio da filosofia vã e falaz, fundada em doutrina de homens, apoiada nos princípios do mundo e não segundo Cristo, em quem habita corporalmente toda a plenitude da divindade* [^8]. «Este livro trocou todos os seus afetos, e os trocou de maneira que o fez pedir a Deus ardentemente que infundisse em sua alma diversos desejos dos que antes a possuíam. Desprezou as esperanças que antes o atormentavam e só anelava seu coração por conseguir a sabedoria imortal. Começou Agostinho a levantar-se para voltar ao Senhor; porque não lia aquele livro para exercício da eloquência, mas para afeiçoar-se e

seguir as boas máximas que ensinava. O que mais acendia o ardor de seus desejos era que ali não se lhe exortava a seguir esta ou aquela seita de filósofos, mas a buscar e amar a sabedoria tal como ela é em si mesma. Só uma coisa lhe desagradou naquele livro, e foi não encontrar nele o nome de Jesus Cristo, que havia mamado com o leite e conservava intimamente gravado em seu coração desde sua infância, de maneira que tudo o que estivesse escrito sem este nome lhe causava desagrado, ainda que tivesse todos os atrativos da erudição, da eloquência e até da verdade.»

Para aperfeiçoar a obra começada pelo *Hortênsio*, determinou Agostinho dedicar-se a ler as sagradas Escrituras e ver o que eram; mas esta mera curiosidade, incompatível com o espírito humilde a que está reservada a inteligência daqueles divinos escritos, pôs um véu em seu entendimento; e assim não somente ficou sem entender os soberanos mistérios que levam à vida bem-aventurada, mas a humildade de seu estilo, que julgava sumamente inferior ao de Cícero, causou-lhe fastio. Por outra parte, havia chegado a apoderar-se de sua alma tal vaidade e soberba que não podia conceber que fossem escritos apreciáveis e sublimes aqueles que não se sujeitavam à sua inteligência [^9]. Nesta turbação e revolução de afetos teve a desgraça de encontrar-se com os maniqueus, gente loquaz, carnal, hipócrita e extravagante, os quais o convidaram com a consecução da verdade e o arrastaram à profissão de sua doutrina. Ensinavam que havia dois princípios, de onde se originavam todas as coisas, um bom e outro mau; que a lua e o sol eram duas naves em que voltavam a seu princípio as partículas de substância que se purificavam por meio da contrariedade de elementos; que as virtudes habitavam nestes dois astros transformadas em varões. Aborreciam o matrimônio, mas em seu lugar usavam de comércios ilícitos e nefandos, em que abusavam torpemente das coisas mais sagradas. Negavam que Cristo houvesse tomado carne verdadeira, a ressurreição da carne e a imortalidade da alma; em cada homem punham duas almas, uma boa, de onde nasciam os atos virtuosos, e outra má, de onde tomavam sua origem os vícios; mas ensinavam que ambas voltavam a resolver-se em matéria ao tempo da morte. A este teor multiplicavam os maniqueus seus dogmas e seus delírios; mas suas promessas eram especiosíssimas, capazes de enganar a qualquer um, e muito mais a um jovem que desejava a verdade [^10]. Jactavam-se de ser eles os únicos em quem se podia encontrar esta preciosa joia, o que persuadiam com grande aparato de eloquência e de palavras; e, como não se lhes caía da boca o nome da verdade e em suas línguas ocultavam os laços do demônio [^11], sob umas palavras em que punham uma liga confeccionada com o nome de Jesus Cristo e do Espírito Santo, não somente lograram que Agostinho fosse sectário de seus erros, mas que este fizesse cair neles seu protetor Romaniano e seus amigos Honorato e Alípio.

Logo que Santa Mônica soube que seu filho se havia feito maniqueu, entristeceu-se de maneira que não havia para ela consolo em todo o criado. Chorava dia e noite, pedindo a Deus a conversão de Agostinho, e isto com tanta cópia de lágrimas que, onde quer que se punha a fazer oração, deixava umedecida a terra [^12]. Não consentia que seu filho vivesse com ela em sua casa nem que se sentasse a sua mesa, detestando até este ponto os erros e blasfêmias que novamente havia adotado; e esta demonstração de desamor durou-lhe até que teve um sonho maravilhoso em que lhe manifestou Deus que seu filho se converteria. O sonho sucedeu desta maneira: sonhou que estava posta de pé sobre uma régua de madeira [^12], e que um jovem muito galhardo, vendo-a tão aflita, lhe perguntou qual era a causa de sua aflição e das lágrimas que derramava. A santa respondeu-lhe que a perdição de seu filho Agostinho. Então o jovem mandou-lhe olhar com

atenção a régua e refletir que onde ela estava também estava Agostinho. Olhou a piedosa mãe e viu que seu filho estava junto à mesma régua. Consolada com esta visão, foi contá-la a Agostinho, esperando que causaria nele o efeito desejado; mas o engenhoso mancebo interpretou a visão muito ao contrário, dizendo que aquilo queria dizer que onde ele estava ali estaria sua mãe, fazendo-se maniqueia. Muito pesar recebeu Mônica com esta resposta ilusória; mas, opondo engenho a engenho e sutileza a sutileza, replicou-lhe: «Não, filho meu, não é isso o que significa a visão, mas o contrário; porque a mim não se me disse: onde ele está, ali estarás tu; mas: onde tu estás, ali estará ele.» Esta resposta viva e engenhosa fez mais mossa em Agostinho que a própria visão; mas, não obstante, perseverou ainda em seus erros por espaço de nove anos, nos quais não cessou a mãe de pedir a Deus sua conversão, derramando contínuas lágrimas em suas fervorosas orações [^12].

Neste intervalo teve Santa Mônica outra resposta e misterioso aviso de que seu filho havia de abjurar a seita maniqueia. Solicitou a santa de um venerável bispo que disputasse com Agostinho até convencê-lo de seus erros; mas o prudente prelado a dissuadiu, assegurando-lhe que estava ainda incapaz de admitir a doutrina católica; e aconselhou-lhe que o deixasse em seu erro por algum tempo, sem fazer mais diligências que rogar a Deus por ele, pois estava seguro de que, continuando a estudar e ler, chegaria a persuadir-se por si mesmo da enormidade dos erros maniqueus. Confirmou isto mesmo com seu exemplo, pois, tendo sido educado desde menino na seita maniqueia, havia estudado todos os seus livros e até os havia copiado de própria mão; mas, crescendo com a idade e o estudo suas reflexões, chegou a conhecer por si mesmo quão abominável era aquela seita e assim a havia abandonado. Não se aquietou com tudo isso Mônica; antes, confiando que ninguém melhor poderia dissuadir seu filho que o que conhecia tão bem a falsidade daquela seita, instou-lhe com súplicas e rogou-lhe com lágrimas que disputasse com ele e o convencesse. Cansado então o bispo de suas importunações, disse-lhe: «Deixa-me, mulher, assim Deus te salve; que é impossível que um filho dessas lágrimas se perca.» Estas palavras foram para Mônica como um oráculo vindo do céu, e dali em diante misturava já suas lágrimas com a consolação daquela profecia, que para ela, neste conceito, eram tidas as palavras daquele venerável bispo [^13].

«Desde os dezenove anos até os vinte e oito viveu Agostinho enganado e enganando a outros, já ensinando as artes liberais, já, sob o pretexto de religião, sendo umas vezes soberbo, outras supersticioso e sempre vão. Por uma parte seguia o fumo da aura popular, pretendendo levar sempre a glória em relação a seus competidores, já nos versos que fazia para os teatros, já nas loucuras dos espetáculos, já na destemperança dos apetites. Por outra, querendo purificar-se de todas estas manchas, levava de comer aos que entre os maniqueus se chamavam escolhidos, para que na oficina de seus estômagos lhe fabricassem anjos e deuses que o livrassem de seus pecados [^14].» Submergido Agostinho num pélago de misérias, quis Deus dar-lhe outro aviso e estender-lhe novamente sua mão misericordiosa para que saísse delas. Ensinando a retórica em Tagaste, travou amizade, ou, por melhor dizer, confirmou a que desde muito menino havia tido com um jovem patrício seu. Este, ainda catecúmeno, seguia a verdadeira fé de Jesus Cristo; mas puderam tanto com ele a amizade e as persuasões de Agostinho que o obrigaram a abandoná-la e fazer-se maniqueu. Sobreveio-lhe uma enfermidade perigosa e, num paroxismo que o acometeu, crendo ser o último instante de sua vida, administraram-lhe o batismo. Agostinho, todo consternado de sentimento, não se apartava de sua cabeceira; mas, quando o viu voltar a si, crendo-o fora de

perigo, começou a zombar do batismo, parecendo-lhe que nisso dava gosto ao enfermo. Mas este, a quem a graça havia mudado interiormente, manifestou todo o seu horror por esta maneira de falar, admoestou-o a que tivesse outra linguagem se queria ser seu amigo e, com tão boas disposições, morreu muito pouco tempo depois de haver sido regenerado em Jesus Cristo [^15].

«A perda deste amigo encheu a Agostinho o coração de trevas, em tanto grau que, em quanto miravam seus olhos, não viam senão a própria morte. Sua pátria lhe servia de suplício, e a casa de seus pais, de uma morada de infelicidade e desventura [^16]. Trazia sua alma como despedaçada e impaciente já de habitar no corpo. Não encontrava descanso nos bosques amenos, nem nos jogos e cantos, nem nos jardins olorosos, nem nos esplêndidos banquetes, nem nos leitos floridos rodeados do amor e seus deleites, nem por último nos livros e poesia, que era o manjar mais saboroso para sua alma. Tudo lhe causava horror, até a própria luz; e assim determinou voltar a Cartago, como o fez.» [^17] Com a companhia de novos amigos e a assistência aos teatros esqueceu facilmente aquela morte que tanta dor lhe havia causado. Pôde já com tranquilidade dedicar-se aos estudos e assim escreveu os livros *Do belo e do conveniente*, que dedicou a um famoso orador romano chamado Hiério, a quem unicamente conhecia por sua fama. Sendo já de vinte e nove anos, sucedeu que foi a Cartago um bispo maniqueu chamado Fausto, que enganava a muitos com a suavidade de suas palavras. Falava em público, tendo a todos suspensos, até o próprio Agostinho, que, como os demais, louvava e admirava sua eloquência. Como este bispo era um dos mais sábios que tinha a seita dos maniqueus, pensou nosso jovem que nele acharia a luz da verdade por que tanto anelava seu coração. Ouvia atentamente seus discursos; mas neles não encontrava mais que uma grande folhagem de palavras e nenhuma substância de verdades. Aproximou-se mais dele, falou-lhe de matérias científicas, propôs-lhe suas dúvidas; mas encontrou-se com um homem tão vazio de ciência como cheio de orgulho, que pretendia que se lhe cresse sobre sua palavra como a um Espírito Santo; por último, incapaz por confissão sua de disputar com Agostinho, e muito mais de esclarecer suas dificuldades manifestando-lhe a verdade, que era o que buscava [^18]. Este desengano fê-lo desprezar em seu interior os erros dos maniqueus e quase abandonar sua seita; e o desejo de encontrar a verdadeira religião, juntamente com as persuasões de seus amigos, inspiraram-lhe o projeto de passar a Roma, como o executou, enganando sua mãe e deixando-a à beira-mar submersa em lágrimas [^19].

Logo que chegou a Roma, caiu enfermo de uma enfermidade perigosa que o pôs às portas da morte; mas nem se lembrou sequer de pedir o batismo de Jesus Cristo, persuadido de que não havia sido mais que um fantasma o corpo que os judeus crucificaram [^20]. Permaneceu algum tempo naquela cidade, umas vezes tratando com os maniqueus, de cuja seita era o hóspede da casa onde estava; outras inclinando-se a duvidar de tudo com os acadêmicos; outras ouvindo e consultando os católicos, para ver se podia alcançar a verdadeira inteligência dos livros sagrados e de seus mistérios. Havia presenciado na África algumas disputas que teve Elpídio com os maniqueus e havia visto que estes não podiam desfazer as razões que lhes propunha nem dar saída e interpretação aos textos da Escritura que lhes alegava [^21]. Isto mesmo lhe fazia desejar ardentemente encontrar-se com algum varão católico piedoso e sábio a quem ouvir e de quem ser instruído; e Deus, que por caminhos desusados e secretos ia dispondo em Agostinho um doutor e um padre de sua Igreja, fez que, pedindo os magistrados de Milão a Símaco, prefeito de Roma, que lhes enviasse um mestre de retórica, pusesse este os olhos no vacilante jovem a instâncias dos próprios maniqueus. Deste modo se verificou que, passando a Milão, visitasse Santo Ambrósio, que

este santo prelado o recebesse com a maior benignidade e que em seus sermões e discursos ao povo escondesse a graça aquele poderoso anzol com que Agostinho havia de ser tirado das águas corrompidas do século.

No princípio ouvia o santo bispo por pura curiosidade e para ver se eram sua ciência e mérito iguais à sua fama; mas, como ao mesmo tempo não podia deixar de perceber toda a força que tem a verdade por si mesma, ia conhecendo pouco a pouco que as doutrinas dos católicos podiam defender-se muito bem e chegou inteiramente a abandonar o maniqueísmo [^22]. Determinou, pois, permanecer em estado de catecúmeno enquanto não descobrisse com certeza qual era a religião e doutrina que devia seguir para alcançar aquela vida ditosa por que tanto suspirava. Por este tempo, que era já o ano trinta de sua idade, foi a Milão em busca sua, e muito mais de sua salvação eterna, a piedosa Mônica. Disse-lhe Agostinho que já não era maniqueu nem tampouco católico cristão; e a prudente mãe, que conheceu que a verdade ia vencendo seu filho por graus, multiplicou suas orações e suas lágrimas, esperando firmemente que Deus havia de concluir a obra começada [^23]. Assistia Agostinho aos sermões de Santo Ambrósio e os ouvia com suma atenção, e seu entendimento ia-se ilustrando pouco a pouco, de maneira que cada vez lhe parecia mais racional a doutrina do Evangelho. Os muitos cuidados e ocupações do santo bispo não permitiam a Agostinho tratar com ele e comunicar-lhe suas dúvidas com aquele espaço que elas necessitavam para resolver-se. Ia a sua casa, mas contentava-se com vê-lo estudar; olhava-o como a um varão respeitável, cheio de piedade e de sabedoria, de que transbordavam suas práticas, nas quais tratava pontos que pareciam destinados a lavrar a conversão de Agostinho. A maior dificuldade deste consistia no sacrifício que devia fazer de suas luzes em obséquio da fé. Parecia-lhe sumamente repugnante e dificultoso ter de dar crédito a coisas e mistérios sobrenaturais que excedem a capacidade do entendimento humano. «Mas, meditando consigo mesmo quantas coisas cria sem as haver visto, como uma multidão de fatos que referem as histórias, a existência de tantos povos e a própria notícia de que Patrício e Mônica eram seus pais, veio a concluir que para conhecer a verdade era necessária a autoridade das sagradas Escrituras, e começou a crer que de nenhum modo teria Deus dado tanta autoridade em todo o mundo àqueles livros se não fosse sua vontade que nele cressem por eles e por eles o buscassem [^24].»

Contudo, como em sua alma dominavam os desejos de honras, de riquezas e de prazeres, estava preso com umas cadeias de ferro que lhe impediam dar passos mais acelerados para a verdade. Consultava continuamente com seu amigo Alípio e com quantos conhecia que podiam iluminar de algum modo suas trevas; estudava incessantemente e ouvia com gosto as persuasões de sua santa mãe; mas nada bastava a contrastar o peso que faziam em sua alma, por uma parte o desejo de ver a verdade com evidência e por outra as vivas paixões que a tinham dominada. Por este tempo foi a Roma, acompanhado de Alípio, que gostava demasiado dos espetáculos sangrentos; e nosso santo teve ocasião de exercitar-se algo na mansidão cristã, dissuadindo-o de assistir aos jogos do circo, cobertos sempre de horrores e de sangue. Voltando depois de algum tempo a Milão, em companhia do mesmo Alípio, encontrou ali Nebrídio, seu patrício, que havia deixado sua pátria, seus bens e sua mãe por buscar a verdade, agitado de dúvidas pouco diferentes das que inquietavam a alma de nosso jovem. Estes três amigos tratavam em suas conversações daquela matéria que tinha sem sossego suas almas. Desejavam uma vida quieta e tranquila, livre de todos os vaivéns da fortuna e acompanhada de uma felicidade verdadeira que não estivesse sujeita ao tempo nem a suas mudanças. Não encontravam este bem nem nas ciências, nem nas diversões,

nem nos banquetes, nem no favor e amizade de pessoas poderosas; pois tudo isto tinham, e com tudo se reputavam por infelizes. Principalmente Agostinho se achava tão vencido do amor que lhe parecia impossível poder viver sem a companhia de uma mulher. Sua mãe, que conhecia bem sua paixão, tratou de casá-lo e até lhe buscou uma graciosa jovem para esposa, arrancando de seu lado aquela que havia vindo cevando seu carinho desde a África [^25].

Entretanto, acabrunhado com as inquietudes e moléstias da vida e indeciso no partido que podia tomar nas cruéis dúvidas que angustiavam sua alma, tratou com seus amigos de fugir do bulício das gentes para viver num sossegado retiro. Dispôs que dos bens de todos, que seriam uns dez companheiros, se fizesse uma massa comum de onde se provesse às necessidades de todos; nomeando-se anualmente dois administradores que cuidassem das coisas temporais, para que os demais vivessem quietos, tratando somente das ciências e do espírito.

Já estavam para pôr em execução este projeto, mas, refletindo depois que, por serem alguns deles casados, deveriam ter mulheres em sua companhia, conheceram que tudo o projetado era impossível, e assim voltou Agostinho a seus antigos gemidos e inquietudes [^26]. Enredou-se novamente com os amores ilícitos de outra mulher; porque, como lhe haviam tirado aquela de quem tinha um filho, por julgar que podia servir de impedimento ao matrimônio projetado, e este não podia efetuar-se por não ter ainda a esposa a idade competente, não pôde resistir aos ímpetos da incontinência [^27]. Assim ia submergindo-se num abismo de delitos e multiplicando os laços de sua perdição; mas o misericordioso Deus nunca o perdia de vista nem deixou seu coração tão nu de sentimentos salutares que não sentisse o agudo aguilhão dos remorsos. «Em meio da multidão de opiniões que seguiu Agostinho em todas as matérias, nunca chegou a duvidar de que depois da morte ficava outra vida a nossa alma, nem de que havia de ser a sorte dos bons e dos maus inteiramente diversa. Esta persuasão lhe havia feito olhar com desprezo o sistema de Epicuro, a quem, sem este defeito, teria concedido a palma entre todos os filósofos. Por isso, em meio de suas liviandades e extravios, sempre o atormentava o medo da morte e do juízo que há de fazer Deus das obras boas ou más; e este mesmo medo era um estímulo contínuo que o impelia a sair do abismo dos deleites carnais em que estava enlameado [^28].»

Já se ia aproximando o tempo em que havia de triunfar a graça de todas as dúvidas e perplexidades de Agostinho e em que, sujeitas à razão as paixões, havia de pôr a virtude um trono estável no mesmo coração em que havia reinado o vício. Esta operação num homem tão sábio, que não se movia senão por princípios, havia de fazer-se por meio da iluminação de seu entendimento. Assim dispôs Deus que chegassem a suas mãos os livros de Platão, traduzidos do grego por Vitorino, filósofo, nos quais encontrou muitas daquelas verdades difíceis que manda crer sem investigá-las a religião cristã. Tais foram a geração eterna do Verbo [^29], que era no princípio, e o Verbo estava com Deus, e Deus era o Verbo; que Deus Verbo não nasceu da carne nem do sangue, nem por vontade de varão, nem da carne, mas que nasceu de Deus; que o Filho é igual substancialmente ao Pai; que é antes de todos os tempos e sobre todos os tempos coeterno com seu Pai Deus; e, por último, que a glória [^30], devida somente a Deus incorruptível, se havia trasladado e atribuído aos ídolos e vãos simulacros, feitos à maneira e semelhança do homem corruptível e de aves, de quadrúpedes e de serpentes [^31]. Fazendo Agostinho esta leitura e refletindo sobre ela, teve uma visão interna; uma luz inconmutável, superior a todas as coisas criadas, desceu sobre sua alma; seus raios eram tão brilhantes e tão vivos que, deslumbrado

Agostinho, não podia sustentar sua claridade. Estremeceu de amor e de espanto e achou que estava muito longe de Deus, e pareceu-lhe que ouvia sua voz que lhe dizia: «Eu sou comida dos que são grandes: cresce, e então te servirei de manjar; mas não me converterás em tua substância como os outros alimentos de que se sustenta teu corpo, senão que tu te converterás em mim» [^32].

Com esta luz e visão celestial ficou Agostinho tão ensinado que chegou a crer a existência daquela verdade que se vê e conhece pelas criaturas [^33], isto é, de Deus, com mais firmeza que cria sua própria existência. Leu depois as epístolas de São Paulo; as sublimes verdades do Evangelho iam-se apoderando de seu coração, conhecendo quanta diferença há da doutrina eterna e verdadeira de Deus à vã e inchada sabedoria dos filósofos. Os livros de Platão, ainda que lhe haviam ensinado algumas verdades, haviam-no feito mais soberbo; ao contrário, os sagrados, ilustrando seu entendimento, infundiam-lhe um espírito de humildade para buscar a verdade pelo caminho que é a própria verdade [^34]. Tudo quanto havia lido em São Paulo ficara-lhe impresso na alma. Achava-se como sitiado por todas as partes: certo já da vida eterna e de todas as verdades que desejava, sem outra necessidade que a constância e a firmeza no que havia aprendido. Mas acerca do gênero de vida que havia de empreender, tinha muitas dúvidas; e, ainda que lhe agradava o caminho, que era o mesmo Salvador, estava tíbio e preguiçoso para passar o que este caminho tem de estreito. Para vencer estes obstáculos, determinou ir ver-se com Simpliciano, varão santíssimo, a quem o próprio Santo Ambrósio venerava, como quem havia sido pai seu na fé, dando-lhe o batismo [^35].

Propôs-lhe suas dúvidas, manifestou-lhe seu coração, fez-lhe patentes as chagas de sua alma, contando-lhe muito por miúdo os graus por onde havia chegado ao estado em que se achava e as dificuldades que então o oprimiam. Disse-lhe que havia lido os livros de Platão, traduzidos pelo filósofo e orador romano Vitorino, e as verdades que neles havia encontrado. Alegrou-se o santo ancião e deu-lhe os parabéns de haver lido aquele filósofo grego, porque em suas obras se dá uma ideia mais clara de Deus e do divino Verbo. Depois lhe referiu a maravilhosa conversão de Vitorino, à qual ele mesmo havia contribuído: «De que maneira aquele doutíssimo ancião e sapientíssimo em todas as ciências e artes liberais, que havia lido tantas obras de filósofos e as havia criticado e ilustrado; que havia sido mestre de tantos nobres senadores; que pela excelência de sua sabedoria mereceu que se lhe erigisse uma estátua na praça pública de Roma, que é o mais glorioso que há para os cidadãos deste mundo; que até aquela idade tão avançada havia adorado e venerado os ídolos, sem excetuar os monstros que Roma havia tomado do Egito; que finalmente tantos anos havia defendido estas idolatrias com sua eloquência e com sua fama, não se envergonhou em sua ancianidade de humilhar-se como um menino para receber o selo de servo de Jesus Cristo e renascer com o batismo, sujeitando seu pescoço ao jugo do Evangelho e selando sua fronte com a cruz que antes tinha por opróbrio [^36].»

Esta relação de Simpliciano fez em Agostinho todo o efeito que se havia proposto. Admirou o esforço com que um homem de suas circunstâncias havia atropelado todos os obstáculos do mundo, sem ser bastante para detê-lo seu descrédito com os senadores, o desagrado de seus amigos e o ter de fechar sua escola de retórica, porque o imperador Juliano havia proibido aos cristãos ensinar as letras humanas. Acendeu-se em desejos de fazer o mesmo que havia feito Vitorino, cuja conversão atribuiu a sua fortuna mais que a fortaleza e virtude. «Mas Agostinho

estava atado com cadeias mais fortes que de ferro. O comum inimigo dominava despoticamente em sua vontade, da qual havia feito uma cadeia com que o tinha preso. Porque, pervertida a vontade, nasceu o apetite desordenado; este produziu com a continuação o costume, e o costume sem freio passou a necessidade e natureza. Destes elos se formava a cadeia que tinha Agostinho numa dura servidão. As verdades do Evangelho, a vida cristã e as divinas promessas lhe agradavam, mas sem acabar de vencê-lo; e os gostos da carne e sangue deleitavam-no de modo que o atavam, sem deixar-lhe liberdade bastante para acabar de abandoná-los. Parecia-lhe que Deus falava interiormente a sua alma dizendo-lhe aquilo do Apóstolo [^37]: *Levanta-te desse profundo sono: sai dentre os mortos e te iluminará Cristo;* mas tíbio e preguiçoso respondia: *Agora; daqui a um instante; deixa-me outro pouquinho;* palavras que denotavam quão agarrada estava sua alma ao sono perigoso da culpa [^38].»

Ao passo que se multiplicavam os golpes com que a graça de Deus combatia o coração endurecido de Agostinho, cresciam neste as angústias, os suspiros e os desejos de acabar de resolver-se; e, quando mal havia acabado de sofrer um golpe, já Deus lhe tinha preparado outro. Um dia que estava em sua casa com Alípio, foi visitá-lo um patrício seu chamado Ponticiano, homem muito principal, empregado no palácio do imperador. Viu por casualidade sobre uma mesa de jogo as epístolas de São Paulo: surpreendeu-se de ver um tal livro em poder de Agostinho e, como era fiel e verdadeiro cristão, deu-lhe os parabéns. Depois começou a falar-lhes de Santo Antão e de sua admirável vida, dos muitos monges que viviam virtuosamente recolhidos em mosteiros e de outros mais penitentes e retirados que habitavam nos desertos. Além disto contou-lhes a maravilhosa conversão de dois amigos seus que se fizeram anacoretas em Tréveris, deixando o palácio do imperador a quem serviam e renunciando a duas formosas donzelas com quem tinham contraído esponsais, as quais imitaram o exemplo de seus esposos e consagraram a Deus sua virgindade [^39]. Todas estas coisas fizeram em Agostinho uma sensação vivíssima, e cada uma delas era para ele um espelho em que via sua fraqueza para horrorizar-se de si mesmo. Despachou Ponticiano o negócio que havia motivado sua viagem e despediu-se, deixando afogado seu amigo num mar de angústias.

Então, todo turbado e fora de si, voltou-se para Alípio e, com uma espécie de arrebatamento, exclamou dizendo: «Que é isto que passa em nós? Que é o que nos sucede? Levantam-se os ignorantes e apoderam-se do céu; e nós, com nossas doutrinas, sem juízo nem prudência, estamo-nos revolvendo no lodo da carne e sangue? Acaso temos vergonha de segui-los porque vão adiante de nós? Não seria mais vergonha o não segui-los?» Enquanto dizia estas palavras, Alípio olhava-o silencioso, advertindo na cor acesa de suas faces, no exaltado dos olhos e no tom irregular da voz a furiosa tormenta que sucedia dentro de seu coração. Neste estado retirou-se Agostinho a um horto que havia em sua casa, e Alípio o seguiu sem lhe falar palavra. Sentaram-se no mais retirado. Agostinho bramava enfurecido e irritava-se contra si mesmo, repreendendo-se a tardança em ir abraçar-se com Deus. Arrancava os cabelos, dava palmadas na fronte, cruzava as mãos e apertava os joelhos e fazia outros extremos e contorções com todos os membros de seu corpo. Dizia em seu interior: «Eia, faça-se ao instante; agora mesmo se hão de romper estes laços.» Ia já a executá-lo; mas não o fazia, porque temia morrer ao que é verdadeira morte. Os passatempos frívolos, as vaidades de vaidades, suas antigas amigas vinham-lhe à memória, parecia-lhe que se chegavam a ele e, puxando-o pela roupa, lhe diziam em voz baixa: «Pois quê, Agostinho, queres abandonar-nos? Quê, desde este instante não estaremos já contigo para sempre jamais? Quê,

desde este instante não te será já lícito isto e aquilo para sempre jamais? Pensas que te será possível viver sem estas coisas em que tanto deleite tem tua alma?»

Logo se lhe representava a amável continência com um rosto sereno, majestoso e alegre, e o lisonjeava honestamente, convidando-o a que se chegasse aonde estava e desprezasse os temores que o detinham. Estendia-lhe seus piedosos braços para recebê-lo em seu seio e incorporá-lo a uma multidão de santos, cujo exemplo lhe propunha, e aos quais tinha abraçados. Ali via inumeráveis pessoas de todas as idades, sexos e condições; multidão de moços e de donzelas, de jovens e de anciãos, de viúvas veneráveis e de virgens que haviam envelhecido na castidade. Via também a continência com um gracioso sorriso, como quem lhe dizia: «Pois quê, não poderás tu o que podem todos estes e estas? Porventura o que estes e estas podem, podem-no por suas próprias forças, ou pelas que a graça de seu Deus e Senhor lhes comunicou? Seu Deus e Senhor lhes deu a continência; pois eu sou dádiva sua. Para que confias em tuas próprias forças, se estas não podem sustentar-te nem dar-te firmeza alguma? Arroja-te com confiança nos braços do Senhor e não temas, que não se apartará de ti para deixar-te cair. Arroja-te seguro e confiado, que ele te receberá em seus braços e te sarará tuas chagas.» Envergonhava-se Agostinho, ouvindo estas reconvenções, de que o tivessem preso ainda os laços débeis dos deleites antigos; e então a continência voltou a dizer-lhe: «Faze-te surdo às vozes de tua concupiscência; as delícias que te promete não podem comparar-se com as que acharás na lei de teu Deus e Senhor.» Alípio via em Agostinho uns movimentos estranhos, uma inquietude que parecia frenética; mas, ainda que adivinhava a luta interior que agitava seu espírito, não quis interrompê-la, mas esperar seu fim com paciência e silêncio [^40].

Aumentando-se a tormenta na alma de Agostinho com a consideração de suas misérias, cuja deformidade via claramente, sentiu que uma torrente de lágrimas ia sair de seus olhos; e, como se chora mais livremente quando se está só, levantou-se do lado de Alípio, afastou-se o bastante para não ser incomodado e lançou-se debaixo de uma figueira, sem saber de que maneira nem em que postura. Ali começou a derramar tal cópia de lágrimas que pareciam dois rios que saíam de seus olhos e, falando com Deus, com razões interrompidas, dizia-lhe: «E vós, Senhor, até quando, até quando haveis de mostrar-vos irado? Não vos lembreis, Senhor, de minhas maldades antigas.» Conhecia Agostinho que eram seus pecados os que o tinham preso e assim, com lastimosas vozes, dizia aos gritos: «Até quando, até quando direi eu: Amanhã, amanhã? Por que não há de ser hoje? Por que desde este mesmo instante não hei de pôr fim a todas as minhas maldades?» Enquanto falava desta maneira, o coração partido de dor e chorando amargamente, ouviu numa casa vizinha uma voz como de um menino que cantava e repetia muitas vezes estas palavras: «Toma e lê, toma e lê.»

Mudou de semblante Agostinho e pôs-se a pensar se havia algum jogo em que os meninos usassem daquelas vozes; e, não se lembrando de as haver ouvido jamais, interrompeu suas lágrimas e levantou-se de onde estava, na persuasão de que esta era uma advertência do céu. Lembrou-se ao mesmo tempo de que Santo Antão se havia convertido ouvindo ler uma passagem do Evangelho. Voltou ao sítio onde havia deixado Alípio, porque ali havia deixado também as epístolas de São Paulo: tomou em suas mãos o livro, abriu-o e leu o primeiro que se apresentou a seus olhos, que eram estas palavras: *Não em banquetes nem em embriaguezes; não em dissolução e desonestidades; não em contendas e emulações; mas revesti-vos de Nosso Senhor*

Jesus Cristo; e não cuideis de satisfazer os apetites do corpo [^41]. Não quis Agostinho ler mais, nem foi necessário; pois, logo que acabou de ler esta sentença do Apóstolo, um raio de luz claríssima dissipou todas as nuvens que lhe causavam suas dúvidas e introduziu a calma em seu coração. Converteu-se, pois, Agostinho a seu Deus; comunicou sua determinação a Alípio, que, ainda que algo débil todavia na fé, uniu-se a sua resolução e bom propósito; e ambos juntos entraram no quarto de Santa Mônica, a qual, ouvindo por miúdo as misericórdias que o Senhor havia derramado sobre seu filho, não cabia em si de gozo; dirigia afetuosíssimas bênçãos ao céu, derramando agora mais lágrimas de alegria que as que costumava antes de amargura pela conversão de seu filho [^42].

Este, entregue já todo a Deus, não pensava nem em matrimônio, nem em riquezas, nem em honras, nem em coisa alguma deste mundo. Renunciou a cátedra de retórica e, em companhia de sua mãe, de Adeodato e de Alípio, retirou-se a uma quinta de um amigo seu chamado Verecundo, no campo de Cassicíaco, a preparar-se para receber o batismo. Ali se ocupou em fervorosa contemplação dos bens eternos e do que Deus acabava de fazer-lhe, tirando-o das trevas de seus erros. Lia as santas Escrituras e começou a escrever contra os acadêmicos; também compôs os dois primeiros livros dos *Solilóquios*, que estão cheios dos afetos de sua fragrantíssima caridade [^43]. Avisou Santo Ambrósio de sua conversão e de como queria receber o sagrado batismo; e, tendo voltado a Milão, foi batizado [^44] pelo santo bispo, em companhia de Alípio e Adeodato, em 24 de abril do ano de 387, sendo de idade de trinta e três anos. É tradição bastante autorizada que no ato do batismo começou Santo Ambrósio, estimulado da interior alegria que lhe causava a conversão de Agostinho, o hino *Te Deum laudamus*, respondendo o recém-batizado: *Te Dominum confitemur*; e prosseguindo alternadamente até concluir um hino tão sublime e tão devoto que consagrou a Igreja para manifestar a Deus seus afetos e dar-lhe graças pelos maiores benefícios. Celebra esta festividade toda a igreja da Espanha por solicitação da sereníssima rainha dona Isabel Farnésio, que quis que, à imitação da religião agostiniana, que já celebrava a conversão de seu patriarca desde o ano de 1388, celebrasse também seu reino a glória de uma conversão que deu um mestre da doutrina verdadeira ao orbe cristão, um pai e protetor à Igreja católica, um martelo aos hereges, uma tocha brilhante aos concílios, uma luz copiosa a todos os sábios, um vaso de eleição e um exemplo de santidade heroica aos fiéis de todos os estados em que se acha dividido o mundo.

Martirológio Romano

Em Roma, o santo papa Pio V, da ordem dos pregadores, o qual, aplicando-se com zelo e com bom êxito a restabelecer a disciplina eclesiástica, extirpar as heresias e reduzir os inimigos do nome cristão, governou a Igreja católica com leis sábias e com os exemplos de uma santa vida.

Em Roma, Santa Crescenciana, mártir.

Ali mesmo, São Silvano, mártir.

Em Alexandria, Santo Eutímio, diácono, que morreu no cárcere por Jesus Cristo.

Em Tessalônica, a festa dos santos Ireneu, Peregrino e Irene, que expiraram nas chamas.

Em Auxerre, o martírio de São Joviniano, leitor.

Em Alicata, na Sicília, Santo Ângelo, presbítero, da ordem dos carmelitas, que foi morto pelos hereges em defesa da fé católica.

Em Jerusalém, São Máximo, bispo e confessor, a quem o César Maximiano Galério mandou arrancar um olho e queimar um pé com um ferro ardente e depois o condenou às minas.

Em Edessa, na Síria, São Eulógio, bispo e confessor.

Em Arles, Santo Hilário, bispo, esclarecido em santidade e doutrina.

Em Viena, São Nizier, bispo, venerável por sua santidade.

No mesmo dia, São Sacerdote, bispo de Sagunto, na Espanha.

Em Milão, São Geroncio, bispo.

Ali mesmo, a conversão de Santo Agostinho, bispo e doutor da Igreja, a quem batizou neste dia o bispo Santo Ambrósio, depois de o haver instruído nas verdades católicas.

Missa (oração)

A missa é própria da festividade, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui hodiernam diem beati Augustini, confessoris tui atque pontificis, mirabili conversione decorasti: præsta, quæsumus, ut sicut Ecclesiam tuam propulsis erroribus protegit, ita corda nostra precibus suis contra malignos spiritus, tua gratia irrigante, defendat. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que enobrecestes este dia com a conversão admirável de vosso bem-aventurado confessor e pontífice Agostinho, concedei-nos que, assim como ele protege vossa Igreja desterrando os erros, assim também defenda nossos corações dos espíritos malignos, alcançando-nos vossa graça por sua intercessão e seus rogos. Por Nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 13 da que escreveu São Paulo aos Romanos, e contém as palavras que leu Agostinho, avisado pela voz do céu, com as quais se converteu perfeitamente a Deus.

Romanos 13,12-14

> **Latim:** [12] Nox præcessit, dies autem appropinquavit. Abjiciamus ergo opera tenebrarum, et induamur arma lucis. [13] Sicut in die honeste ambulemus : non in comessationibus, et ebrietatibus, non in cubilibus, et impudicitiis, non in contentione, et æmulatione : [14] sed induimini Dominum Jesum Christum, et carnis curam ne feceritis in desideriis.

Português: [12] A noite passou, e o dia vem chegando. Deixemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz. [13] Caminhamos como de dia honestamente: não em glotonarias, e borracheiras, não em dishonestidades, e dissoluções, não em contendas, e emulações: [14] mas revesti-vos do Senhor Jesu Christo: e não façaís caso da carne em seus appetites.

Reflexões

Dificilmente se podem propor motivos mais poderosos para a conversão de uma alma que os que alega São Paulo escrevendo aos romanos, e são os mesmos que serviram à conversão do grande Agostinho. Propõe primeiramente, para indicar o estado feliz dos cristãos, que passou já a noite das sombras ou figuras do antigo testamento, ou antes das coisas deste mundo transitórias e perecedouras; e que em lugar da noite nos amanheceu a luz da verdade, a luz da lei de graça, a luz de uma sabedoria eterna, a luz que ilumina todo homem que vem a este mundo, a luz, enfim, que luz nas trevas e que as trevas de nenhum modo obscureceram. A isto parece dever acrescentar-se como uma consequência forçosa que, suposto que temos a ventura de viver entre luzes tão brilhantes, abandonemos as tenebrosas obras dos vícios, deixando os banquetes, as desonestidades, as contendas e tudo o terreno, e seguindo a doutrina de Jesus Cristo. Esta mesma doutrina se está continuamente inculcando desde as cátedras do Espírito Santo por boca dos ministros do Evangelho. Todos os seus discursos se dirigem principalmente a este importante objeto, porque conhecem que enquanto os homens não se apartarem dos atrativos da carne e sangue, dos embelesamentos do mundo e de obedecer às sugestões do comum inimigo, não podem ser participantes do reino de Jesus Cristo.

Conversão, conversão, é a voz mais comumente repetida: conversão clama a consciência de cada um, oprimida com um peso insuportável de delitos; e conversão nos dita a própria razão quase em todos os instantes de nossa vida. Em meio dos mais vivos prazeres, quando os sentidos estão embelesados com os objetos mais lisonjeiros, não deixa de fazer-se lugar a graça para dizer-nos interiormente que tudo quanto oferece este mundo não sacia nosso coração; que tudo é aparente e falso; que suas maiores felicidades e delícias não são mais que umas aparências teatrais que entretêm os olhos por um instante e se desvanecem com a mesma facilidade com que se formam.

A solidez da verdade não se pode eludir; suas acusações são certas e indubitáveis, suas propostas razoáveis e justas; nosso coração dá-se por sentido, nossa alma conhece a necessidade que tem de converter-se por seu mesmo interesse e proveito; mas com tudo isso, quantos são os que ouvem os clamores de sua consciência e procuram tranquilizá-la? Quantos são os que ouvem o trovão com que amedrontam os promulgadores da divina Justiça e concebem um medo salutar e eficaz para sair de seus delitos? Quantos os que às repreensões interiores da graça respondem como Agostinho: amanhã, amanhã me converterei?

Se os bens deste mundo, ainda que tão baixos e desprezíveis para um ente espiritual como é a alma, fossem eternos; se chegassem a saciar nossos apetites e dar-nos tranquilidade em nossos desejos; se víssemos alguém que, desfrutando riquezas, honras, fama, delícias e quanto tem o mundo de apetecível, estivesse isento de temores e desgostos, pareceria que haveria alguma desculpa para retardar a conversão a Deus com a esperança de melhorar a sorte desta vida. Mas, se vemos todo o contrário; se as honras carregam de novos dissabores os que as logram; se as riquezas trazem consigo o afã de adquiri-las, o cuidado de conservá-las e a dor de havê-las de deixar; se os deleites não são mais que um pouco de imaginação exaltada e não têm outra realidade que o arrependimento que deixam ao que se entregou a eles, que loucura é a dos homens em não resolver-se a abandonar tudo para achar a verdadeira paz, a verdadeira felicidade que está em seguir a Jesus Cristo! Alma redimida com o sangue precioso do Unigênito de Deus, tu que, ao ler estas razões, sentes interiormente a moção do Espírito Santo, que te convida com as misericordiosas efusões de sua graça; tu que agora mesmo estás ouvindo a voz de tua consciência, que pede que te converta a Deus e deixes esse estado infeliz em que te achas, não te faças surda; não temas deixar os tortuosos e escabrosos caminhos do vício; arroja-te nos braços de teu Redentor com confiança; resolve-te e muda de vida, cortando de uma vez os laços que te têm atada e desprezando, como diz São Paulo, todos os deleites da carne e todos os gritos com que te chamam seus torpes apetites.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Mateus.

Mateus 19,27-29

> **Latim:** 27 Tunc respondens Petrus, dixit ei : Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te : quid ergo erit nobis ? 28 Jesus autem dixit illis : Amen dico vobis, quod vos, qui secuti estis me, in regeneratione cum sederit Filius hominis in sede majestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israël. 29 Et omnis qui reliquerit domum, vel fratres, aut sorores, aut patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros propter nomen meum, centuplum accipiet, et vitam æternam possidebit.

Português: [27] Então respondendo Pedro, lhe disse: Eis-aqui estamos nós que deixámos tudo, e te seguimos: que galardão pois será o nosso? [28] E Jesus lhes disse: Em verdade vos afirmo, que vós, quando no dia da regeneração estiver o Filho do homem sentado no throno da sua gloria, vós, torno a dizer, que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze thrones, e julgareis as doze tribus d'Israel. [29] E todo o que deixar por amor do meu nome a casa, ou os irmãos, ou as irmãas, ou a pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por hum, e possuirá a vida eterna.

Meditação

Dos frívolos pretextos que se opõem à pronta conversão dos pecadores

Primeiro ponto

Considera que, ainda que é verdade de fé que Deus não desampara nenhum pecador que se converte com singeleza e implora sua misericórdia, também é verdade de fé que nenhum pecador pode converter-se a Deus se o mesmo Deus não o ajuda com sua graça; e que esta não está na mão do homem, mas pende unicamente da divina clemência.

Podemos por nós mesmos cair no pecado, diz Santo Agostinho; mas não podemos levantar-nos se Deus não nos estende sua mão benéfica. O arrependimento dos pecados deve nascer de um princípio sobrenatural, para que seja proveitoso e logre o fim desejado; e assim ninguém pode arrepender-se se Deus liberalmente não lho concede, dando-lhe graça para sair da culpa. Sendo isto assim, considera agora se merecerá que Deus lhe faça o benefício de dar-lhe esta graça aquele cristão que, sabendo a bondade de Deus, o muito que lhe tem sofrido, os anos que lhe tem esperado e as vezes que o tem livrado misericordiosamente de morrer numa impenitência final, com tudo isso despreza todos estes favores, ouve com indiferença os avisos que lhe dá por meio de seus ministros e, enchendo a medida da mais horrorosa ingratidão, em lugar de converter-se volta a fazer-se mais indigno de piedade com novos delitos. Claro é que este tal se faz digno de que Deus lhe negue seus auxílios e de que o deixe perecer eternamente em pena de seu pecado. A hora presente é a mais a propósito para a conversão; na mais leve dilação há uma multidão de perigos que não se podem calcular com facilidade. Por isso, escrevendo São Paulo aos coríntios, diz-lhes: *Agora é o tempo precioso: hoje é o dia da salvação.* O Senhor é dono absoluto de suas graças e dons; o Espírito Santo inspira em nossos corações quando é sua vontade; nós não podemos pôr-lhe limites nem assinalar-lhe momentos para que obre. Talvez, quando nós queiramos converter-nos, não queira Deus dar-nos graça para isso; pois por isso tem dito que o busquemos quando pode ser achado e o invoquemos quando está perto de nós.

Mas Deus é infinitamente misericordioso, costumam dizer os que retardam a conversão. Deus é infinitamente bom, é verdade; mas o abusar de sua bondade e de sua misericórdia para retardar a conversão e amontoar pecados sobre pecados é a ingratidão mais abominável, a protérvia mais feia, a temeridade mais arrojada que pode caber em coração humano. Poderemos acaso persuadir-

nos de que, porque Deus é bom, será por isso mesmo insensível ao desprezo que fazemos de sua bondade? Cremos que a misericórdia de Deus pode destruir sua justiça? Se é infinitamente misericordioso, não é também infinitamente justiceiro? Não se chama ele mesmo nas sagradas Escrituras o Deus das vinganças? Ou pensamos acaso que, por serem infinitos os méritos que Jesus Cristo adquiriu com a efusão de seu preciosíssimo sangue, temos nisto mesmo um salvo-conduto para desprezar este mesmo sangue, pisar os sacramentos, fazer-nos surdos aos chamamentos de Deus, prescrever horas e termos fixos às operações da graça e entregar-nos com segurança a uma vida pecaminosa, confiados em que poderemos dizer: Perdoai-nos, Senhor, que o havermos-nos atrevido a ofender-vos foi na confiança de que vosso Filho morreu por nós? Se isto fosse verdade, a graça de Deus abriria a porta aos delitos; e Jesus Cristo, em lugar de haver formado em nós um povo escolhido e perfeito, teria feito um povo abominável e blasfemo. Disto se segue que Deus é bom; mas para os que são retos de coração e não se abandonam a suas paixões. A misericórdia de Deus está pronta; mas é para os que ouvem os chamamentos da graça; para os que não a desprezam com suas vãs confianças e muito mais com suas obras; para os que, banhados os olhos com lágrimas de compunção, a imploram, a solicitam. Mas o que despreza a misericórdia de Deus quando benignamente se lhe oferece não a encontrará quando quiser buscá-la; clamará, e talvez não seja ouvido.

Que necedade, pois, não será dilatar a conversão, ultrajando a misericórdia divina!

Segundo ponto

Considera que a juventude, a robustez e tudo quanto pode dar-te alguma confiança de que terás tempo para converter-te, tudo é incerto, e não está em teu poder assegurá-lo a ti mesmo.

São infinitos os que conhecem o mau estado de sua alma, os que temem ser colhidos pela morte num lamaçal de maldades. Muitos desejam converter-se a Deus; pensam em fazer exame de sua consciência e expiar seus delitos por meio da confissão; quase nada lhes falta para romper as cadeias com que estão encarcerados nas trevas da morte. Mas por pouco que o dilatem, logo dão ouvidos às paixões, que lhes fazem mudar de intento com reflexões néscias e confianças infundadas. «Somos jovens, dizem; todavia temos tempo para desfrutar deste mundo, e depois nos converteremos a Deus. É verdade que somos maus; os caminhos que seguimos são certamente perigosos; mas como há de ser! Isto dá de si nossa fragilidade. Já virá tempo em que nos convertamos a Deus de todas as veras; e então já não haverá para nós nem mais mundo, nem mais diversões, nem mais prazeres desonestos, nem mais companhias perigosas, nem mais jogos e banquetes, nem mais adornos profanos. Então tudo há de ser para Deus.» Ó Deus misericordioso! É possível, Senhor, que haveis de permitir um modo de pensar tão errado e arriscado nos que remistes com vosso preciosíssimo sangue!

Cristão, abre os olhos e considera que Deus só é o dono e árbitro de nossos dias; que a vida do homem é muito curta; que seu termo é incerto; e que a justiça de Deus, cansada de sofrer nossa insolência, costuma estreitar seus limites. Volta os olhos ao passado e considera que se passaram tantos dias, tantos meses, tantos anos que serviram antes de termo a teus propósitos. A memória

te causará uma ilusão arriscada, apresentando-os como se fossem verdadeiramente existentes e estivesse em tua mão aproveitar-te deles; mas o certo é que passaram como o voo das aves, sem haver-te deixado outra coisa mais que o pesar de havê-los empregado não só inutilmente, mas em ofender a teu Deus e lavrar assim tua perdição eterna. Pois julgas que o tempo que está por vir será de distinta condição que o passado e que poderá mudar teus costumes, se tu com eficácia e sinceridade não te resolves? Não o duvides, cristão: és mortal; tua vida pende de um sem-número de causas e acidentes complicados que a fazem sumamente frágil e perecedoura. Num abrir e fechar de olhos, quando menos o penses, por um acontecimento impensado, achar-te-ás repentinamente naquele momento fatal que te parecia estar muito longínquo e que te parecia que tardaria muitos anos em chegar, segundo as disposições de tua saúde. E que se farão então todos os teus desejos de conversão e todos os teus projetos? Um instante de terror e de espanto será a propósito para expiar os delitos de uma vida estragada, para reformar de um golpe o coração e aplacar a ira de Deus justamente enojado? Será fácil que entre as turbações e angústias de um instante tão funesto e tão terrível tenha a alma a tranquilidade necessária para atender aos gritos de sua consciência? Poder-se-á fazer então uma confissão com lágrimas de verdadeira compunção, quando, com todo o sossego e tranquilidade que se pode ter numa saúde completa, se necessita muito exame, muita oração e muitas lágrimas? E se conheces claramente que tudo isto é verdade, por que não te convertes agora? Por que desde este instante mesmo que a bondade de Deus te concede não começas a arrepender-te de tuas culpas passadas e a estabelecer um novo método de vida para o vindouro? Não é uma loucura rematada, conhecendo, como conheces agora mesmo, que te achas em estado de condenação eterna e vendo que se te concedem graciosamente os instantes da vida presente, em que podes trocar o rigor de tua sorte por meio do arrependimento, em lugar de aproveitar-te destes rápidos momentos para desfazer-te em lágrimas, empregá-los em esgotar a paciência com que Deus te sofre? Ah, cegos mortais! Virá um dia em que pedireis com ânsia estes momentos e não se vos concederão em pena do desprezo que fazeis agora. Talvez não esteja muito longe de vós este dia; e o que não se pode duvidar é que vos colherá descuidados, tornando maior vosso perigo.

Jaculatórias

> *Recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine animæ meæ.* Is 38.

Em vossa presença, Senhor, examinarei todos os anos de minha vida com dor e amargura de minha alma.

> *Dominus judex noster, Dominus legifer noster, Dominus rex noster: ipse salvabit nos.* Is 33.

O Senhor é meu juiz; ele é meu legislador e meu rei; pois ele salvará minha alma por sua infinita misericórdia.

Propósitos

Minha salvação é o negócio mais importante que tenho nesta vida. Vejo com sumo pesar de minha alma que, em lugar de haver trabalhado para sua consecução, fiz diligências positivas para minha condenação eterna. Gozei dos passatempos e prazeres do mundo; vivi dissipado, correndo cegamente atrás de um fantasma de felicidade que cada vez se foi afastando mais de mim. Vi pela experiência que nada me restou de todos os meus delitos senão o arrependimento; e, quando a experiência própria não me certificasse bastante destas verdades, vejo que o mesmo sucedeu aos demais homens. Vejo um Agostinho, tanto tempo vacilante para buscar, encontrar e seguir o caminho da verdade. Que diligências não fez! Que angústias e contradições não padeceu! Que lutas interiores! Que peso lhe faziam as honras do mundo e os deleites sensuais! Quanto estudou, meditou e consultou para saber onde residia a verdade e a vida feliz e bem-aventurada! E depois de todas as suas fadigas, que é o que achou, Deus meu? Achou que sem vós não há felicidade nem paz verdadeira; que todos os momentos que havia vivido sem vós eram momentos perdidos; e que depois de todos os seus extravios, seus erros e seus desejos, não tinha outro asilo, outro consolo nem outro objeto em que colocar com segurança sua confiança que vossa divina misericórdia. Teve que chorar por toda a sua vida o haver-vos retardado o sacrifício de um coração contrito e humilhado.

Pois, Senhor, Deus meu e Pai meu misericordioso, desde este instante me prostro a vossos pés implorando vossa misericórdia; desde este instante abomino minha vida passada e proponho converter-me a vós com uma verdadeira penitência. Conheço meus extravios e os detesto com todas as veras de minha alma. Examinarei minha consciência, buscarei as águas salutares de vossos sacramentos para lavar minhas culpas e, reconciliado convosco, nenhuma coisa deste mundo será capaz de apartar-me de vosso serviço. Dai-me, Senhor, graça para pôr em obra estes bons desejos, já que por vossa bondade me destes tempo para converter-me. Dai-me, Senhor, lágrimas com que chorar minhas culpas e aperfeiçoai em mim a obra que vós mesmo começastes.

[^1]: 2 Rs 13,14-19 (4 Rs 13 na Vulgata). A chamada «(1)» consta do original, mas o texto da nota não aparece no OCR; a referência foi deduzida do episódio citado. [^2]: Nas notas desta seção, o autor remete às *Confissões* de Santo Agostinho. As referências de livro e capítulo são dadas aqui como aparecem no OCR, que em vários pontos parece ter alterado os algarismos (por exemplo, o episódio de Fausto pertence ao livro 5 das *Confissões*, e aqui consta «Lib. 6»). Esta: «Lib. 1. Confes. cap. 11». [^3]: «Lib. 2. Confes. cap. 2». [^4]: «Lib. 2. Confes. cap. 3». A chamada «(1)» aparece duas vezes no original, ambas remetendo a esta nota. [^5]: «Lib. 3. c. 1». [^6]: «Lib. 3. c. 2». [^7]: Cl 2,8. (O OCR traz «Coles, 2, v. 8».) [^8]: «Lib. 3. Confes. cap. 4». [^9]: «Lib. 3. Confes. cap. 3», como no OCR. [^10]: Santo Agostinho, *De utilitate credendi*, cap. 1. [^11]: «Lib. 3. Confes. cap. 6». [^12]: «Lib. 3. Confes. cap. 11». A chamada aparece três vezes no original (a última precedida de «Ibid.»). [^13]: «Lib. 3, cap. 12». [^14]: A nota correspondente a esta chamada não aparece no OCR. [^15]: «Lib. 4. Confes. cap. 4». [^16]: «Lib. 4, cap. 4». [^17]: «Lib. 4». [^18]: «Lib. 6. confes. cap. 3, 5 e 6.» [^19]: «Lib. 3. cap. 8». [^20]: «Lib. 3, cap. 9». [^21]: «Lib. 5, cap. 11». [^22]: A

nota correspondente a esta chamada não aparece no OCR. [^23]: A nota correspondente a esta chamada não aparece no OCR. [^24]: «Lib. 6. Confes. cap. 5». [^25]: «Lib. 6. Confes. cap. 6, 7, 8, 10, 13». [^26]: «Lib. 6. Confes. cap. 11». [^27]: «Lib. 6, cap. 15». [^28]: «Lib. 6, cap. 10». [^29]: Jo 1. [^30]: Rm 1,21. [^31]: «Lib. 7. Confes., cap. 9». [^32]: «Lib. 7, cap. 10». [^33]: Rm 1,20. [^34]: «Lib. 7. Confes. cap. 20, 21». [^35]: «Lib. 8, cap. 9». [^36]: «Lib. 8, cap. 9». [^37]: Ef 5,14. (O OCR traz «Ephes. 5, 13»; o texto citado é Ef 5,14.) [^38]: «Lib. 8, cap. 5». [^39]: «Lib. 8, cap. 0»: o algarismo do capítulo está ilegível no OCR. [^40]: «Lib. 8. Confes. cap. 11». [^41]: Rm 13,13-14 (o OCR traz «Paul, ad Hous 43»). [^42]: «Lib. 8. Conf. c. 12». [^43]: «Lib. 9, c. 3, 4», segundo o OCR, muito deteriorado neste ponto. [^44]: A nota correspondente a esta chamada não aparece no OCR.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:50 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:50 by Admin